

Editorial

O presente número de REVER traz uma seção sobre as Religiões Indianas. E é bom que se frise o plural, pois essa Índia, rica e exótica, é matriz de uma diversidade religiosa sem tamanho. Nossos autores navegam pela história das religiões indianas, tanto em território nativo como espalhadas por diferentes rincões do planeta. Nessa rica diversidade, tratam de questões socialmente localizadas ou filosoficamente refletidas. Não deixa de ser menos relevante que alguns desses textos tragam para o debate teórico a reflexão atualizada sobre o pensamento religioso indiano.

O primeiro artigo, de cunho filosófico, traz ao leitor uma revisitação do pensamento weberiano acerca do Budismo. Weber trabalha com a ideia de a religião budista ser uma religião universal de forte tendência missionária. O autor do artigo, Arilson Oliveira, mergulha profundamente na obra do pensador alemão e faz uma verdadeira exegese do pensamento weberiano sobre o Budismo. A análise histórico-sociológica é trazida à luz não apenas para pensarmos a originalidade de Weber, mas como aporte teórico para a reflexão da história das religiões mundiais.

Na linha da contribuição para o debate acadêmico, Ricardo Souza Silvestre avalia o recente ocorrido na revista *Philosophy East and West* acerca do papel da teoria do karma e da reencarnação enquanto solução para o problema do mal. Na visão do autor, a visão de um Deus onibenevolente adotada pelos debatedores distorceu os rumos da discussão, levando a questões despropositadas e alheias ao tema central então proposto. Não tendo claro e consciente o lugar de partida, toda e qualquer discussão sobre essa questão passa a ser uma defesa de seus próprios princípios.

O terceiro artigo, *Ensaio para uma fenomenologia do pensamento védico*, de autoria de Rafael Rodrigues Garcia, procura analisar fenomenologicamente o pensamento védico tendo por base a antropologia filosófica de Ernst Cassirer. Foram analisados os textos revelados, ou *śruti*, com uma especial atenção para os possíveis desdobramentos investigativos que possam ser originados.

O artigo de Cecília Guimarães Bastos procura desenvolver o pensamento de Louis Dumont sobre o poder nas sociedades tradicionais de castas e a conseqüente desinstitucionalização do Hinduísmo. Analisando em que sentido Dumont afirma existir uma democratização da instituição e o significado do renunciante como dotado de uma individualidade, a autora percebe que o antropólogo francês teve como pista de sua análise no famoso “*homo hierarchicus*”, o pensamento weberiano sobre o “laicismo culto” da Índia antiga.

O artigo de autoria de Dilip Loundo levanta a hipótese de que todos os ensinamentos de Buda possuem como característica única a articulação, de forma *sui generis*, da verdade convencional (*samvrti-satya*) e da verdade suprema (*paramārtha-satya*). Constituindo-se numa espécie de subversão, no sentido de uma expansão do sentido originário, pois se trata, ao mesmo tempo, de instrumentalização por um ser na

plenitude de sua realização (o buda ou bodhisattva) e de que é, ela mesma, uma adequação às especificidades e aos propósitos soteriológicos dos aspirantes ao *nirvāna*.

O sexto artigo dessa seção temática sobre religiões indianas traz a análise de Gisele Oliveira sobre o sacrifício na Índia antiga, retratado no Bhagavad-Gita, como via de libertação. O sacrifício (*yajña*) é descrito nesse épico clássico em oposição às estritas regras e tabus da tradição ritual indiana, sendo relacionado a diferentes estágios de conhecimento e desapego que culminariam, por fim, em liberação (*moksa*).

Na sequência, e já caminhando para uma discussão mais pontual, temos o artigo de autoria de André Bueno, examina as origens da imagem do *Buda em Pé* frutos de um diálogo intercultural entre o império romano e a Índia entre os séculos I e III da nossa era. Há evidências de uma rica ponte entre as culturas do Mediterrâneo e a religião budista.

O artigo de Mirian de Oliveira, *Identidade e religião hindus na Índia Britânica*, analisa a construção do Hinduísmo como uma religião moderna, sendo que esse artifício implica considerar processos de autoidentificação significativamente influenciados por relações de alteridade. O artigo detém-se, em primeiro lugar, no exame das relações coloniais de dominação entre Grã-Bretanha e Índia, entre os séculos XVII e XX, e, por conseguinte, em processos de reinterpretação da noção de pertença à comunidade religiosa, então caracterizada como comunidade hindu. Em seguida, analisa a influência de processos de emigração a partir do subcontinente indiano sobre a representação da identidade hindu. A título de aplicação da reflexão, o artigo analisa os discursos de Swami Vivekananda, grande responsável pela apresentação das religiões indianas ao mundo ocidental em fins do século XIX, relacionados aos temas da identidade e da religião hindus, da emigração e da difusão de práticas e crenças hindus em âmbito mundial.

O nono artigo da seção trata do culto à Deusa na Índia na corrente religiosa do Śaktismo. A autora, Flávia Bianchini, percebe nessa corrente o culto à *Mahā Devī* (“Grande Deusa”) como uma divindade suprema. Diferentemente da tradição religiosa indiana, em que os milhares de deusas (*devī*) são apresentados de maneira secundária e subalterna, as escrituras *Purana* revertem esse quadro e mostram um novo lugar de importância da deusa. O denominado “período purânico”, coincidente ao período da era cristã, vê surgirem inúmeros novos movimentos entre as religiões indianas, entre eles o Śaktismo. O artigo procura avaliar e definir a relevância e o papel dos *Purana* na instituição e independência do culto à *Śakti*.

Por fim, o último artigo sobre as religiões indianas trata de uma questão bastante atual e, por assim dizer, ocidental. Vitor Hugo Adami busca analisar o ideal de pregação da proposta institucional de tradição do Movimento Hare Krishna (ISKCON), verificado na relação entre os discursos da tradição, ditos como globais, com a experiência da consciência de Krishna observado localmente. O individualismo

igualitário propagado pela ISKCON é confrontado com o coletivismo individualizado vivenciado pelos seus seguidores. O autor conclui que há um aparente descompasso entre os valores individualistas e individualizados, com fortes influências na constituição da identidade de um devoto do Movimento Hare Krishna.

Os artigos que compõem essa seção da REVER, Religiões Indianas, desde as análises históricas mais distanciadas até as reflexões socioantropológicas mais próximas, passando pelas reflexões teóricas e filosóficas, proporcionam um rico arsenal para o aprofundamento do debate sobre não apenas as religiões originadas na Índia, mas para toda reflexão das religiões de maneira geral.

Arilson Oliveira (UFMG)

Silas Guerriero (PUC-SP)